



A Santa Sé

VISITA PASTORAL A SANTA MARIA DI LEUCA E BRINDISI

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA PRAÇA DO SANTUÁRIO DE SANTA MARIA DE *FINIBUS TERRAE* EM SANTA MARIA DI LEUCA

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Sábado, 14 de Junho de 2008

Queridos irmãos e irmãs!

A minha visita à Apúlia a segunda, depois do Congresso Eucarístico de Bari inicia como peregrinação mariana, neste lembo extremo da Itália e da Europa, no Santuário de Santa Maria *de finibus terrae*. Dirijo com grande alegria a todos vós a minha afectuosa saudação. Agradeço com afecto ao Bispo, D. Vito De Grisantis por me ter convidado e pelo seu cordial acolhimento; juntamente com ele saúdo os outros Bispos da Região, em particular o Metropolitano de Lecce, D. Cosmo Francesco Ruppi; assim como os presbíteros e os diáconos, as pessoas consagradas e todos os fiéis. Saúdo com gratidão o Ministro Raffaele Fitto, em representação do Governo italiano, e as diversas Autoridades civis e militares presentes.

Neste lugar historicamente tão importante para o culto da Bem-Aventurada Virgem Maria, quis que a liturgia fosse dedicada a ela, Estrela do mar e Estrela da esperança. "*Ave, maris stella, / Dei Mater alma, / atque semper virgo, / felix caeli porta!*". As palavras deste antigo hino são uma saudação na qual ressoa de certo modo a do Cordeiro de Nazaré. De facto, todos os títulos marianos são como que geminados e florescidos por aquele primeiro nome com o qual o mensageiro celeste se dirigiu à Virgem: "Alegra-te, ó cheia de graça" (*Lc 1, 28*). Ouvimo-lo no Evangelho de São Lucas, muito apropriado porque este Santuário como confirma a lápide sobre a porta central do átrio intitula-se à Virgem Santíssima "Anunciada". Quando Deus chama Maria "cheia de graça", acende-se para o género humano a esperança da salvação: uma filha do nosso povo encontrou graça aos olhos do Senhor, que a predestinou para ser a Mãe do Redentor. Na simplicidade da casa de Maria, numa aldeia pobre da Galileia, começa a cumprir-se a solene profecia da salvação: "Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a

dela. Esta esmagar-te-á a cabeça, ao tentares mordê-la no calcanhar" (*Gn 3, 15*). Por isso o povo cristão fez seu o cântico de louvor que os Judeus elevaram a Judite e que nós proclamamos há pouco como Salmo responsorial: "Tu és bendita do Senhor, Deus altíssimo, minha filha, entre todas as mulheres da terra" (*Jt 13, 23*). Sem violência, mas com a coragem humilde do seu "sim", a Virgem libertou-nos não de um inimigo terreno, mas do antigo adversário, dando um corpo humano Àquele que lhe teria esmagado a cabeça de uma vez para sempre.

Eis por que, no mar da vida e da história, Maria resplandece como Estrela de esperança. Não brilha de luz própria, mas reflecte a de Cristo, Sol que surgiu no horizonte da humanidade, de modo que, seguindo a Estrela de Maria possamos orientar-nos na viagem e manter a rota para Cristo, especialmente nos momentos obscuros e agitados. O apóstolo Pedro conheceu bem esta experiência, por tê-la vivido em primeira pessoa. Uma noite, quando atravessavam o lago da Galileia com os outros discípulos, foi surpreendido pela tempestade. A sua barca, à mercê das ondas, não conseguia prosseguir. Jesus alcançou-os naquele momento caminhando sobre as águas, e convidou Pedro a descer da barca e a aproximar-se. Pedro deu alguns passos entre as ondas mas depois sentiu-se afundar e então bradou: "Senhor, salva-me!". Jesus segurou-o por uma mão e pô-lo em salvo (cf. *Mt 14, 24-33*). Depois este episódio revelou ser um sinal daquela prova pela qual Pedro devia passar no momento da paixão de Jesus. Quando o Senhor foi preso, ele teve medo e renegou-o três vezes: foi subjugado pela tempestade. Mas quando os seus olhos se cruzaram com o olhar de Cristo, a misericórdia de Deus retomou-o e, desfazendo-se em lágrimas, levantou-o da sua queda.

Quis reevocar a história de São Pedro, porque sei que este lugar e toda a vossa Igreja estão particularmente ligados ao Príncipe dos Apóstolos. A ele, como no início recordou o Bispo, a tradição faz remontar o primeiro anúncio do Evangelho nesta terra. O Pescador, "pescado" por Jesus, lançou as redes até aqui, e nós hoje damos graças por termos sido objecto desta "pesca milagrosa", que dura há dois mil anos, uma pesca que, como escreve precisamente São Pedro, "nos chamou das trevas para a maravilhosa luz [de Deus]" (*1 Pd 2, 9*). Para nos tornarmos pescadores com Cristo é preciso sermos primeiro "pescados" por Ele. São Pedro é testemunha desta realidade, assim como São Paulo, grande convertido, do qual daqui a poucos dias inauguraremos o bimilenário do nascimento. Como Sucessor de Pedro e Bispo da Igreja fundada sobre o sangue destes dois eminentes Apóstolos, vim confirmar-vos na fé em Jesus Cristo, único salvador do homem e do mundo.

A fé de Pedro e a fé de Maria conjugam-se neste Santuário. Aqui pode-se alcançar o duplo princípio da experiência cristã: o mariano e o petrino. Ambos, juntos, ajudar-vos-ão, queridos irmãos e irmãs, a "recomeçar a partir de Cristo", a renovar a vossa fé, para que corresponda às exigências do nosso tempo. Maria ensina-vos a permanecer sempre em escuta do Senhor no silêncio da oração, a acolher com generosa disponibilidade a sua Palavra com o profundo desejo de vos oferecerdes a vós próprios a Deus, a vossa vida concreta, para que o seu Verbo eterno, pelo poder do Espírito Santo, se possa ainda hoje "fazer carne" na nossa história. Maria ajudar-

vos-á a seguir Jesus com fidelidade, a unir-vos a Ele na oferenda do Sacrifício, a levar no coração a sua Ressurreição e a viver em docilidade constante ao Espírito do Pentecostes. De modo complementar, também São Pedro vos ensinará a sentir e a crer com a Igreja, firmes na fé católica; fará com que sintais o prazer e a paixão pela unidade, pela comunhão, a alegria de caminhar juntos com os Pastores; e, ao mesmo tempo, transmitir-vos-á o anseio da missão, de partilhar o Evangelho com todos, de o fazer chegar até aos extremos confins da terra.

"*De finibus terrae*": o nome deste lugar santo é muito belo e sugestivo, porque faz eco a uma das últimas palavras de Jesus aos seus discípulos. Dividido entre a Europa e o Mediterrâneo, entre o Ocidente e o Oriente, ele recorda-nos que a Igreja não tem confins, é universal. E os confins geográficos, culturais, étnicos, até os confins religiosos são para a Igreja um convite à evangelização na perspectiva da "comunhão das diversidades". A Igreja nasceu no Pentecostes, nasceu universal e a sua vocação é falar todas as línguas do mundo. A Igreja existe segundo a vocação originária e a missão revelada a Abraão para ser uma bênção em benefício de todos os povos da terra (cf. *Gn* 12, 1-3); para ser, com a linguagem do Concílio Ecuménico Vaticano II, sinal e instrumento de unidade para todo o género humano (cf. Const. *Lumen gentium*, 1). A Igreja que está na Apúlia possui uma elevada vocação para ser ponte entre povos e culturas. Esta terra e este Santuário são de facto uma "vanguarda" nesta direcção, e alegrei-me muito ao verificar, quer na carta do vosso Bispo quer também hoje nas suas palavras, quanto esta sensibilidade está viva e é sentida de modo positivo, com genuíno espírito evangélico.

Queridos amigos, nós sabemos bem, porque o Senhor Jesus foi muito claro sobre este aspecto, que a eficiência do testemunho é proporcionada à intensidade do amor. De nada serve projectar-se até aos confins da terra, se antes não nos amarmos e não nos ajudarmos uns aos outros no âmbito da comunidade cristã. Por isso, a exortação do apóstolo Paulo, que ouvimos na segunda Leitura (*Cl* 3, 12-17), é fundamental não só para a vossa vida de família eclesial, mas também para o vosso compromisso de animação da realidade social. De facto, num contexto que tende para incentivar mais o individualismo, o primeiro serviço da Igreja é o de educar para o sentido social, para a atenção pelo próximo, para a solidariedade e a partilha. A Igreja, estando dotada pelo seu Senhor de uma carga espiritual que se renova continuamente, revela-se capaz de exercer uma influência positiva também a nível social, porque promove uma humanidade renovada e relacionamentos humanos abertos e construtivos, no respeito e no serviço em primeiro lugar dos últimos e dos mais frágeis.

Aqui, no Salento, como em todo o Sul da Itália, as Comunidades eclesiais são lugares onde as jovens gerações podem aprender a esperança, não como utopia, mas como confiança tenaz na força do bem. O bem vence e, se por vezes pode parecer derrotado pela prepotência e astúcia, na realidade continua a agir no silêncio e na discrição dando frutos a longo prazo. Esta é a renovação social cristã, baseada na transformação das consciências, na formação moral, na oração; sim, porque a oração dá a força de crer e lutar pelo bem até quando humanamente se seria tentados ao desencorajamento e à renúncia. As iniciativas que o Bispo citou na abertura a

das Irmãs Marcelinas, a dos Padres Trinitários e as outras que levais em frente no vosso território, são sinais eloquentes deste estilo tipicamente eclesial de promoção humana e social. Ao mesmo tempo, aproveitando a ocasião da presença das Autoridades civis, apraz-me recordar que a Comunidade cristã não pode e nunca quer substituir-se às legítimas e obrigatórias competências das Instituições, aliás, estimula-as e ampara-as nas suas tarefas e propõe-se colaborar sempre com elas para o bem de todos, a partir das situações de maior mal-estar e dificuldade.

Por fim, o pensamento dirige-se de novo à Virgem Santíssima. Deste Santuário de Santa Maria *de finibus terrae* desejo ir em peregrinação espiritual aos vários Santuários marianos do Salento, verdadeiras gemas encastoadas nesta península lançada como uma ponte sobre o mar. A piedade mariana das populações formou-se sob a influência admirável da devoção basiliana à *Theotokos*, uma devoção cultivada depois pelos filhos de São Bento, de São Domingos, de São Francisco, e expressa em lindíssimas igrejas e simples edículas sagradas, que devem ser cuidadas e preservadas como sinal da rica herança religiosa e civil do vosso povo. Portanto, dirigimo-nos agora a ti, Virgem Maria, que permaneceste aos pés da cruz do teu Filho. Tu és modelo de fé e de esperança na força da verdade e do bem. Com as palavras do antigo hino invocamos-te: "Rompe os vínculos aos oprimidos / dá a luz aos cegos / afasta de nós qualquer mal / pede para nós todos os bens". E alargando o olhar ao horizonte onde céu e mar se tocam, queremos confiar-te os povos que vivem nas margens do Mediterrâneo e os do mundo inteiro invocando para todos progresso e paz: "Dá-nos dias de paz / vigia sobre o nosso caminho / faz com que vejamos o teu filho / cheios de alegria no céu". Amém.

© Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana